GV#7_6_gesta˜o.indd 44 29.10.08 18:15:17

EMIBIEIS E EMEBEÁS

Em 2008, o MBA norte-americano completa 100 anos. Da origem para cá, divide as opiniões entre os que o consideram fator de sucesso pessoal e organizacional e os que o consideram sem caráter científico e distante da prática. A versão brasileira também gera controvérsias

POR CARLOS OSMAR BERTERO

GV#7_6_gestão.indd 45 29.10.08 18:15:17

Entre os aniversariantes de abril de 2008 encontra-se o MBA ("emebiei") e não necessariamente o MBA ("emebeá"), que é uma versão tropicalizada do original norte-americano. Dessa versão brasileira há hoje duas avaliações distintas. Segundo uns, isso comprovaria que o Brasil não é um país sério; de acordo com outros, que somos criativos e sabemos fazer adaptações inovadoras.

Foi em abril de 1908 que 33 alunos se matricularam num novo curso chamado Master of Business Administration, oferecido pela Harvard Business School. Depois de 24 meses, oito se graduaram, sendo os primeiros portadores daquele que se tornaria o mais cobiçado título para ingresso e sucesso no mundo da Administração de Empresas. Neste ano, cerca de 500 mil pessoas obterão o MBA. Só a China produzirá 30 mil, e a Índia tem mais de mil programas, superando os Estados Unidos.

RELEVÂNCIA QUESTIONADA. Os programas de MBA nos Estados Unidos passaram a ser objeto de críticas exatamente quando o sucesso, a julgar pelo número de matrículas e expansão de programas, tornava-se inquestionável. Logo no final dos anos 1950, uma importante avaliação conduzida sob os auspícios da Fundação Ford lamentava a falta de caráter científico dos programas de MBA e das Escolas de Administração de Negócios, lembrando que não eram mais do que ensinamentos que continham as chamadas "*best practices*", ou seja, o bom senso e a enunciação do que os administradores de sucesso vinham fazendo. Faltava, na verdade, estofo acadêmico aos MBAs.

Coincidência ou não, fato é que o século de triunfo do MBA foi igualmente um século norte-americano. Qual foi a contribuição dos MBAs? Na prática, as respostas divergem. Há os que afirmam que nas escolas de Administração foram geradas muitas tecnologias administrativas subseqüentemente adotadas pelas empresas, e que isso contribuiu para seu sucesso. Outros dizem que as escolas de Administração têm perseguido linhas de

O QUE O CURSO OFERECE E QUE NÃO É POSTO EM DÚVIDA? PELO MENOS DUAS COISAS: A AQUISIÇÃO DE UM LINGUAJAR ADMINISTRATIVO CONSIDERADO PELA PROFISSÃO COMO CORRETO E ADEQUADO, E A INSERÇÃO NUMA REDE DE RELAÇÕES (*NETWORKING*)

GV#7_6_gesta˜o.indd 46 29.10.08 18:15:18

pesquisa distantes da prática. Cinqüenta anos após o relatório da Fundação Ford, as críticas continuam. Não se sabe exatamente qual a contribuição que os MBAs possam ter oferecido à gestão das empresas.

CONTEÚDO E FORMAÇÃO. Em termos de conteúdo, os MBAs não se alteraram substancialmente nos últimos 60 anos. Continuam sendo cursos generalistas, onde a maioria dos créditos é decidida pela direção do programa e se distribuem pelas áreas funcionais clássicas da Administração. Assim, marketing, economia empresarial, análise quantitativa, estratégia, gestão de pessoas, operações, finanças e atualmente tecnologia da informação formam o cerne dos programas. Apesar de se falar muito em multifuncionalidade e administração por projetos, o que implicaria a crítica à fragmentação e isolamento dessas áreas, o MBA continua a formar pessoas em compartimentos como se fossem "silos" onde se guarda a sabedoria de cada uma das funções administrativas.

Outra crítica, feita por Henry Mintzberg, é de que os MBAs desenvolvem apenas habilidades analíticas, que, embora úteis, não são suficientes como preparação de pessoas para administrar. A idade média dos alunos de MBA nas grandes escolas de negócios dos Estados Unidos está em 28 anos; 30 a 31 anos é a idade com que se graduam. Ora, aos 28 anos poucas pessoas podem ter acumulado experiências de administradores. O resultado é que, segundo Mintzberg, não se pode ensinar administração, de maneira paradoxal, a pessoas que não possuam alguma experiência administrativa.

A conseqüência é que os detentores de MBAs, de posse de seus diplomas, encaminham-se preferencialmente para bancos de investimento e firmas de consultoria, onde administram pouco ou quase nada, mas onde podem utilizar as habilidades analíticas que desenvolveram durante o curso. Se formos a grandes empresas de ramos industriais, comercias e de mineração e petróleo, a presença de MBAs escasseia, e temos os tradicionais engenheiros, transformados em administradores, ocupando posições administrativas do primeiro escalão até a cúpula.

OS REAIS BENEFÍCIOS. Todos concordam que nos dois lados do Atlântico norte a posse de um MBA tornou-se requisito fundamental para jovens que aspiram entrar numa carreira que os conduza aos píncaros do sucesso na profissão. O que o curso oferece e que não é posto em dúvida? Pelo menos duas coisas: a aquisição de um linguajar administrativo considerado pela profissão como correto e adequado, e a inserção numa rede de relações (*networking*).

Cursar um MBA, conviver durante dois anos num campus universitário e ler todos os livros e materiais asseguram que finalmente se fale "administrês". As escolas de Administração são o local aonde as empresas vêm buscar

GV#7_6_gesta˜o.indd 47 29.10.08 18:15:18

quadros jovens. Nesse ambiente, uma rede de relacionamento é de importância indiscutível e não prejudica a idéia de mérito, simplesmente a complementa.

Adicionalmente, ao concluir o programa nas grandes escolas, o salário oferecido varia entre 100 e 120 mil dólares anuais. A maioria não chegava a ganhar mais do que 60 mil anuais quando ingressou no programa. Há ainda que considerar que um bom número deles adicionará ao salário um bônus anual que pode dobrar a quantia recebida. Aparentemente, portanto, as críticas e dúvidas sobre o programa em nada reduziram sua atratividade e sucesso para todos os envolvidos.

VERSÃO À BRASILEIRA. Mas depois dessas considerações é necessário que tratemos de nosso MBA ("emebeá") brasileiro, que muitos já disseram se assemelhar ao original norte americano apenas nas três letras. No restante, tratar-se-ia de um produto estritamente nacional, aqui desenvolvido para nosso mercado e nossa gente.

A explicação para o seu surgimento pode ser encontrada no encanto pelas três letrinhas que tomou conta de nossa comunidade de Administração. Mas como implantar no Brasil um "emibiei" que exigiria dois anos de tempo integral com permanência obrigatória numa instituição de ensino superior? Afinal, o país é pobre e os estudantes são trabalhadores que passam com dificuldade algumas horas na sala de aula; os professores, em sua maioria, são mestres taxistas pagos com base na hora de aula dada.

A solução foi produzir uma versão que simplificasse as coisas. O nosso MBA brasileiro pode até ser generalista, cobrindo as diversas áreas funcionais como o original norte-americano, mas quase sempre é um curso voltado para uma área funcional específica, por vezes até mesmo tratando de assuntos muito focados. Então, temos MBAs em gestão de pessoas, em marketing, em finanças e assim por diante.

O regime escolar também busca compatibilizar o curso com as atividades profissionais dos estudantes, sendo ensinado quase sempre à noite ou em finais de semana. O alunado é mais velho que o dos MBAs norte-americanos e europeus e, em princípio, com maior experiência profissional. Essa versão "*light*" acabou adquirindo tal popularidade que nem mesmo o conservador e pesadamente burocratizado Ministério da Educação pôde deixar de reconhecê-lo como curso de pós-graduação *lato sensu*. Os programas têm se expandido entre nós seguindo a tendência mundial.

As mesmas incertezas e virtudes que caracterizam o MBA norte-americano já assolam a nossa versão. Os que demandam o curso o fazem em busca de aprimoramento profissional para obter avanços na carreira. Lá, como cá, as marcas exercem um papel fundamental, ainda mais quando seu valor é ranqueado em sistemas de classificação – no nosso caso, a revista *Você S.A.* realiza um processo de avaliação que confere prestígio aos estudantes que podem optar pelos programas do topo.

GV#7_6_gesta˜o.indd 48 29.10.08 18:15:18

O NOSSO FUNCIONA? Finalmente, cabe perguntar o que o nosso MBA brasileiro aporta aos concluintes. Não há trabalhos empíricos realizados, como os que abundam sobre o grau norte-americano. Mas os que possuem o título o exibem com galhardia, fazendo-o constar de seus CVs, e já começam a nascer em algumas instituições programas de Pós-MBA. A educação executiva tornou-se um grande e lucrativo negócio no mundo inteiro. Aqui esse fato se repete.

Cursos de MBA são importantes fontes de receita para as instituições que os oferecem, e também para professores, coordenadores e diretores que os operam. A tendência é de crescimento. Afirmar que talvez cresçam a uma taxa de 15% ao ano não seria muito fora da realidade. A maioria das pessoas que passou por um MBA parece considerar a experiência positiva e o recomenda a outros. Não há muita informação sobre aumento na remuneração, nem sobre alavancagem na carreira.

Em um mundo em que a educação massificou-se e assumiu características de uma mercadoria, com alunos cedendo o lugar a clientes, não se pode deixar de ouvi-los. Todos parecem felizes com os MBAs que obtiveram, e a fila de candidatos para ingresso continua a crescer. Isso é um sinal de sucesso, tanto dos "emibieis" como dos nossos "emebeás". Resta cantar parabéns pelo centésimo aniversário e fazer votos para que aí por volta de 2080 alguém possa celebrar o centenário de nossos MBAs ("emebeás"). ✖

OS QUE POSSUEM O TÍTULO DE MBA O EXIBEM COM GALHARDIA, FAZENDO-O CONSTAR DE SEUS CVS, E JÁ COMEÇAM A NASCER EM ALGUMAS INSTITUIÇÕES PROGRAMAS DE PÓS-MBA. A EDUCAÇÃO EXECUTIVA TORNOU-SE UM GRANDE E LUCRATIVO NEGÓCIO NO MUNDO INTEIRO

CARLOS OSMAR BERTERO, Professor da FGV-EAESP, carlos.bertero@fgv.br

GV#7_6_gestaˆo.indd 49 29.10.08 18:15:19